

# Entre rios e florestas: experiências de campo de um professor de Educação Física em ambiente amazônico

Gláucio Campos Gomes de Matos

---

## Resumo

107

Em pleno século 21, apesar do processo de integração, o modo de vida de ribeirinhos amazônidas mantém práticas socioculturais expressas no extrativismo animal (caça e pesca) e vegetal (extração da madeira, cipó, palha), no cultivo do solo e na criação de animais. Tais práticas, associadas aos seus instrumentos – arco e flecha, arpão, espingarda, caniço, canoa e remo, terçado e machado, entre outros –, possibilitam a homens e mulheres uma vida melhor, porém, não significando vida boa. A experiência de mais de 20 anos é relatada a partir da Etnografia e Sociologia Figuracional. As práticas enquadram-se na concepção de cultura corporal e a Educação Física aliena-se à questão, pois, na lógica de disseminar o esporte e outras práticas, deixa de revelar o significado da relação homem e meio no universo amazônico.

Palavras-chave: Educação Física; ribeirinho; Região Amazônica; práticas socioculturais; caçada; pescaria; cultivo do solo.

---

## **Abstract**

### ***Among rivers and forests: a physical education professor's field experience in the Amazonian Region***

*Even in the 21<sup>st</sup> century and despite society's expansion into rural areas, the lifestyle of the Amazon's rural riverside inhabitants continues to depend on socio-cultural practices of animal extraction (hunting and fishing), vegetable extraction (logging, liana, straw), cultivation of soil and animal husbandry. Such practices and their instruments (archery, spears, firearms, fishing rods, canoes and rowing, machetes and axes, among others), afford these men and women a better life, though not necessarily a good one. The experience of over twenty-one years is reported from figurational sociology and ethnography. Even though these practices are a part of the physical culture, Physical Education rejects them. Physical Education disseminates sports for hegemony and does not reveal the significance of the relationship between man and his means in the Amazonian universe.*

*Keywords: Physical Education; riverside populations; Brazilian Amazon Region; socio-cultural practices; hunt; fishery; agricultural cultivation.*

---

## **Introdução**

108

Em um universo de rios e florestas, o corpo/indivíduo – homem e mulher – vive em permanente diálogo com os estímulos ambientais (sol, chuva, enchente e vazante do rio, ferroadas, picadas ou mordidas de insetos e outros animais, aroma de flores e frutos), permitindo-lhe manter-se vivo e residindo em comunidades ribeirinhas amazônicas. Esse diálogo se alicerça no que denominei práticas corporais (Matos, 1996) e, posteriormente, práticas socioculturais (Matos, 2008).

No curso de Educação Física, aprendemos, em parte, que sua sistematização se deu a partir da observação de atividades físicas realizadas por humanos ao longo da história, propiciando os Sistemas e Métodos de Educação Física (Marinho, 1953; Brasil. MEC, 1967). Lemos que as atividades físicas dos indígenas, nos períodos Brasil-Colônia e Brasil-Império, eram arco e flecha, caçar, remar, andar, correr ou nadar, objetivando a manutenção da vida (Marinho, 1953; Nery, 1983; Tubino, 1996).

A forma como tais informações foram ou são transmitidas dá a entender sua cristalização no tempo e no espaço. Conhecemos, em parte pela Educação Física, a canoagem, o arco e flecha, a natação, a corrida com provas de pistas e de rua, os lançamentos e arremessos em provas de campo. O viés esportivo ancorou-se à diversidade das práticas socioculturais, fortalecido na disseminação do basquetebol, handebol, voleibol, futebol, em formato universal do discurso corporal, sem dar atenção às particularidades.

René Maheu (1982, p. 18) pondera essa questão: “[...] não é pôr em causa o valor permanente dos desportos de origem helênica ou anglo-saxônica, [mas]

observar que não são os únicos no mundo cujas capacidades corporais e morais merecem ser valorizadas para fins educativos e estéticos”.

A reflexão de Maheu nos atrela ao conceito de cultura corporal desenvolvido, mais tarde, no livro *Metodologia do ensino da educação física* (Coletivo..., 1992, p. 38), no entendimento “[...] do acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal”, destacando jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímica e outros. Posteriormente, foi incorporado nos *Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física* (Brasil. MEC, 1997).

O exposto incita a olhar para o Brasil em que a maioria fala o português, outros o japonês, o italiano e muitos, o espanhol; mas também há os que dominam Tupi, Nheengatú, Tukano, Yanomami, Karibi, entre outras línguas e dialetos indígenas. No Amazonas, existem mais de 60 etnias, portanto, é presunção considerar nesse universo de muita gente uma única forma de manifestação corporal.

O ser humano desenvolveu cultura e civilizou-se,<sup>1</sup> produzindo símbolos e significados, lidos e entendidos por ele, e não por outras espécies. Basta um animal, a exemplo do peixe-boi (*Trichechus inunguis*), alimentar-se de gramínea em ambiente aquático para deixar vestígios que podem ser vistos por qualquer espécie de ser, mas foi o humano a estudar esses vestígios e tirar vantagens deles. Capturou o mamífero, cozeu, fritou ou assou sua carne que, após degustada, incorporou-se à culinária amazônica. O excedente foi armazenado mediante as técnicas de salmoura, secagem no sol ou mixira (carne frita conservada na gordura do animal derretida).

Para capturar esse mamífero aquático, o pescador em sua canoa – numa posição de expectativa e no máximo de silêncio, com arpão ao alcance, na noite de luar, quando é possível ver o mamífero colocar suas narinas para fora d’água e a maresia provocada pelo movimento de mascar – desfecha o arpão num gesto explosivo, cravando-o em sua costa. O arrebate do animal contra o artefato e as habilidades do pescador aos poucos o enfraquecem, o ar lhe falta e ele falece no ambiente aquático em que nasceu, viveu e, talvez, se reproduziu.

Essa prática é de exclusividade humana, retrata a cultura amazônica e representa uma relação direta com a água, o instrumento, o mamífero aquático de água doce e o alimento dele derivado – representa um corpo combinando-se a manifestações do ambiente, daí resultando peculiaridades culturais. O indivíduo desenvolve o apego à terra e a identidade ao lugar de origem, pois em sua memória está arraigado o cheiro da água, das flores, o sentir da brisa nas madrugadas iluminadas pelo luar amazônico.

No ambiente da Educação Física, essa cultura corporal nos proporciona contribuir com as discussões ambientais no sentido de refletir sobre a população de peixe-boi que foi abalada, dadas as redes de interdependências ampliadas, que estimularam o extrativismo predatório; sobre o papel desse mamífero no bioma amazônico e as consequências de sua extinção; e sobre as novas propostas de preservação, em virtude das redes de interdependências que convergiram em sentido oposto à primeira.

<sup>1</sup> Segundo Norbert Elias (1994), o autocontrole/controlado das emoções; monopólio da força pelo Estado.

A combinação, nos seres humanos, do andar e do pegar, assim como do correr, do pular e do abaixar, desencadeia uma série de movimentos com finalidades e objetivos variados, mas, dado o momento de sua execução, torna-se difícil a descrição, devido à complexidade da ação. Associando esses movimentos a um ou mais instrumentos, possibilitam-se resultados diversificados. Portanto, não basta encontrarmos o denominador comum entre os seres humanos, classificando seus movimentos em locomotores, manipulativos e estabilizadores (Gallahue, Ozmun, 2001), sem que levemos em consideração a configuração na qual o indivíduo está inserido.

A biologia, nesse caso a zoologia e na sequência a ornitologia, assim como a botânica, identificou o nome científico de plantas e animais em virtude de suas características naturais e universais, livrando-se do nome popular.

A Educação Física tem seguido essa lógica ao se apropriar do esporte e tentar homogeneizar no Brasil o movimento humano ao combinar o pegar, arremessar ou chutar uma bola, o lançar um dardo, etc. O que se vê é a orientação para a esportivização alicerçada na concepção helênica e anglo-saxã. A ênfase no esporte, tomando-o como hegemônico, pode estar “aniquilando” a cultura corporal brasileira, ainda por revelar.

É também a ênfase no esporte a contribuir com a maior “visibilidade” indígena. Porém, o que se observa é a lógica ritualística apresentada nos jogos tradicionais indígenas seguir aquela dos jogos olímpicos. Isso instiga à reflexão em entender que regras de jogo seguidas no fato mimético são diferentes daquelas regras morais vividas nos espaços não miméticos. Portanto, o significado simbólico representado nas práticas esportivas não é o mesmo das práticas socioculturais vividas no dia a dia. Queira “Deus” que, estimulados por megaeventos esportivos, a vida, aquela retirada com devido respeito para servir à alimentação coletiva, não seja a partir de então apenas um alvo móvel para treinar as habilidades do *caçador atleta*.

Diante do exposto, o presente escrito tem a proposta de apresentar à Educação Física o modo de vida dos amazônidas, destacando suas práticas socioculturais em relação ao ambiente aquático e terrestre, que diante do processo de integração, em pleno século 21, resistem e existem questionando sua cristalização grafada historicamente.

Nesse sentido, objetiva-se fornecer conhecimentos, em especial à Educação Física, da cultura corporal do amazônida alicerçada no modo de vida de sua população, que, dado o processo de integração, não os isentou do jogo de bola, ajustado a partir do futebol, enfatizado nos megaeventos esportivos.

O escrito tem como objeto o resultado da experiência de mais de 20 anos por comunidades ribeirinhas amazônicas, práticas socioculturais expressadas no extrativismo animal (caça e pesca) e vegetal (madeira, cipó, palha), no cultivo do solo e na criação de animais. As práticas associadas aos seus instrumentos – arco e flecha, arpão, espingarda, caniço, canoa e remo, terçado, machado, entre outros – possibilitam a homens e mulheres de comunidades rurais do Amazonas uma vida melhor, porém, não significando vida boa.

O modo de vida em suas práticas socioculturais foi captado por meio da etnografia, que é um método da Antropologia, e, segundo Geertz (1989, p. 20), é uma descrição densa. A observação participante, as entrevistas e as conversas com informantes permitiram registrar na caderneta de campo informações pertinentes a tais práticas.

O conceito de configuração em Norbert Elias (1980) contribui para a compreensão do objeto revelado, mostrando que o processo de integração em curso e as redes de interdependência funcionais ampliadas têm influenciado as práticas socioculturais.

Elias (1980, p. 18) enfatiza que “as pessoas, através de suas disposições e inclinações básicas, são orientadas umas para as outras e unidas umas às outras das mais diversas maneiras” e destaca que “estas pessoas constituem teias de interdependências ou configurações de muitos tipos, tais como famílias, escolas, cidades, estratos sociais ou Estados”. No seio das configurações, o poder se inclina para um lado ou para o outro, mas não é vitalício, e a forma polimorfa de se apresentar por vezes não é entendida.

O viés configuracional nos permite compreender como ou por que as práticas de orientação alicerçada na concepção helênica ou anglo-saxã avançam pelo universo amazônico, bem como entender a autonomia relativa de indivíduos, organizações e áreas de conhecimentos que se julgam deter o poder vitalício.

Dessa forma, com base na análise configuracional, neste escrito, serão expostas outras formas de manifestações corporais, circunscritas ao universo de florestas e rios que possibilitam ao amazônida viver – pois sobreviver dá a entender que o indivíduo está no limiar do esforço para manutenção da vida, e isso não é verdade. Os amazônidas incorporam técnicas que lhes permitem extrair das florestas e dos rios os meios para manterem a vida e aproveitá-la melhor. O desafio é tornar esse conhecimento conteúdo da Educação Física para que venha tensionar com a lógica hegemônica dos megaeventos esportivos e se torne coadjuvante na disseminação da cultura corporal amazônica e brasileira.

### **O passado/presente no universo “exótico”**

Compreendo, a partir da teoria de Norbert Elias (1994), que não há um ponto zero, tudo está em processo, o que induz a refletir sobre os adjetivos rural e urbano que, usados em sentido de estado, ofuscam a percepção de transição, perdendo de vista o processo.

A acessibilidade permitiu a ocupação de áreas distantes, avançou sobre florestas e rios, estruturando sítios, fazendas e chácaras. O aumento populacional intensificou a ocupação do solo, e transformações ocorreram – a urbe se fez notar, descaracterizando o rural. Nesse processo, a mobilidade espacial de pessoas foi inevitável, porém, em muitos indivíduos, a *memória* do modo de vida no rural se manteve. As práticas, costumes e *habitus* são detritos de um rural que ainda permanece na estrutura emocional dos amazônidas. Nesse sentido, os espaços geopolíticos rural e urbano, par de opostos, constituem um processo de transição.

Os residentes do espaço rural, que designo de amazônidas ribeirinhos, têm os ambientes aquático – água branca e água preta<sup>2</sup> – e terrestre para desenvolverem as práticas socioculturais.

Esses ambientes, conforme conhecimento local, diferenciam-se naturalmente em terra firme e terra de várzea. A primeira não fica submersa e é constituída por mata primária e/ou capoeira – vegetação secundária; e a segunda pode ser de terras altas, que não ficam submersas em todas as enchentes, e de terras baixas, tragadas todos os anos pela enchente do rio. Porém, não há morte de pessoas, pois os ajustes culturais acompanham a subida do rio. Na oscilação do nível da água – enchente e vazante –, destacam-se as áreas de igapós (floresta inundada), a formação de ilhas e cabeceiras. Tanto em áreas de terra firme quanto em várzea se cultiva a terra, criam-se animais domésticos e se desenvolve o extrativismo animal e vegetal.

Portanto, as práticas socioculturais são postas em consonância com as épocas do ano e as zonas ambientais, cujas manifestações cíclicas se expressam na floração e frutificação de determinadas espécies vegetais, atraindo animais silvestres que se tornam caça, e no ciclo das águas (enchente e vazante) do rio, que, ao coincidir com as chuvas e a estiagem, apresenta momentos de fartura e escassez de alimento.

Do exposto, há de entender que o corpo afina-se com o ambiente. Ele não é preparado pela instituição de ensino – escola –, mas sim pela família e pela vivência na comunidade. O meio se expressa e produz, para homens e mulheres, significados simbólicos, e sobre eles o aprendizado ocorre. A prática de criar animais silvestres (paca, mutum, veado, anta, entre outros) permite ao indivíduo compreender o comportamento deles – se noturno ou diurno; seu hábito alimentar e as marcas dos dentes deixadas no alimento; no terreiro, próximo à casa, verifica a forma do andar e o registro de suas patas deixado no chão umedecido. Esse costume cria laços afetivos com o animal cativo a ponto de não permitir que a família o abata e o consuma.

No momento de tratar um animal silvestre – esfolar, retirar as vísceras, esquartejar –, o indivíduo vivencia uma “lição” de anatomia, aprende a localizar no corpo do animal órgãos vulneráveis a um projétil ou uma arma branca. Portanto, se o indivíduo sai à caça, vai provido de conhecimento e não faz do animal alvo móvel.

Nesse universo, muitos aprendem desde cedo a lidar com o esforço e a arte de esperar. Entendem, ante a natureza não humana, as limitações do corpo quando empunham um machado, um terçado ou outro instrumento. As qualidades físicas – força, resistência, agilidade, velocidade, entre outras –, integradas às percepções, proporcionam o refinamento das habilidades no manuseio dos artefatos, que, somado às experiências passadas de pai para filho, aperfeiçoa as táticas de caça e pesca. *Conhecimento e prática* permitem ao indivíduo o sucesso nesse ecossistema.

A habilidade de se movimentar na mata e no rio e o manuseio de artefatos dão ao indivíduo condição de aproximar-se – por terra ou por água – silenciosamente de sua presa e abatê-la. Essa ação integrada – corpo/mente – possibilita maior eficiência e não menos compreensão da finalidade da morte do animal.

<sup>2</sup> A primeira classificação dos rios amazônicos baseou-se na cor de suas águas: branca (Solimões, Amazonas, Madeira, Purus, Juruá, Jutai) e preta (Negro, Urubu).

A paciência, a arte de esperar, vincula-se ao entendimento do processo natural, mais lento em seu curso. O indivíduo não consegue apressar a natureza e espera por horas a chegada da caça na comedia, do peixe-boi ou do pirarucu que emerge das profundezas do rio para renovar o ar. Em posição de cócoras ou sentado no banco de uma canoa, em galho de árvore ou num barranco à margem do rio, as horas passam e com elas a fome não é percebida. Finda o dia, por vezes sem sucesso. Essas qualidades se destacam no modo de vida do amazônida e contribuem para a formação do *habitus*, a propensão de ajudar, de cooperar.

Desde cedo, ou quando os benefícios proporcionados pelo governo não condicionavam a presença no banco da escola, o indivíduo, ainda criança, acompanhava seus pais ao puxirum – conhecido em outros lugares por ajuri ou mutirão. É o trabalho desenvolvido à base da ajuda mútua. Se o amazônida galgou seu espaço, fê-lo por força da cooperação. Essas qualidades estão arraigadas na memória corporal e expressam a identidade e pertencimento ao lugar de origem, coisa que outras práticas corporais já mencionadas não fazem – qualidades essas que, no frenesi dos grandes centros urbanizados, poderiam ser mal interpretadas ao ter como parâmetro de análise a lógica do ser produtivo e individualizado. Por outro lado, é o ressignificar de conceitos que pode contribuir para entender a importância pedagógica de elementos inerentes à cultura corporal do amazônida.

## **O “exótico” e suas práticas socioculturais**

### ***Caçada***

A mata primária é um lugar de “surpresas” – ruídos de animais e insetos, vento, frutos, flores e animais que exalam odores fustigando a percepção. Vidas em formas miméticas nos observam sem que tenhamos conhecimento. É um lugar de incertezas, mas de lógica. Não sabemos o que pode acontecer ao percorrê-la, no entanto, aquele que a penetra – caçador/coletor – dispõe de conhecimentos que possibilitam, na maioria das vezes, se livrar de momentos “perigosos” aos moldes do corpo humano despreparado.

É inerente ao caçador, ao adentrar a mata, predispor-se de qualidades perceptivas a estímulos que despertem sua atenção. A discriminação de ruídos, odores, texturas e formas leva-o a interpretar e significar simbolicamente, desencadeando uma ação de aproximação para o ataque ou de contenção, para a defesa.

Passar por obstáculos – cipós, árvores e troncos caídos ao chão –, subir e descer terrenos acidentados fazem parte da caçada. A memória espacial e a resistência permitem ao caçador percorrer grandes distâncias e retornar à sua casa. Mas o sucesso da caçada vai depender da “generosidade” da natureza em se mostrar e das habilidades do caçador. Um disparo certo garante-lhe a refeição por um ou mais dias.

O caçador prefere entrar na mata nas primeiras horas do dia, pois sabe que os animais noturnos, por exemplo, veado e anta (*Tapirus terrestris*), ainda estão se agasalhando e os animais diurnos, por exemplo, jacu, mutum (*Mitu mitu*), cujubim,

porcos caititu e queixada (*Tayassu pecari*), cutia, entre outros, estão despertando, e, sob efeito do descanso, tornam-se mais susceptíveis ao abate. Conhecer o comportamento do animal pode ser decisivo na caçada.

Outros tipos de caçada se destacam, entre elas, caçar de canoa é uma prática de excelência. Realizada à noite, em cabeceira de rios e área de igapó, o caçador detém as habilidades de se deslocar por entre cipós e árvores. Com o remo em uma mão e a lanterna na outra, as manobras são feitas com o máximo de atenção. Tendo a arma em posição de alcance, a percepção do caçador predisposta a ruídos e odores o faz largar o remo. A espingarda é levada ao encontro do ombro. Sem *maldade*, o digno caçador, após o enquadramento do animal à luz da lanterna, a dois ou três metros, dispara. A caça agoniza perfurada pelo projétil, e, com todo o respeito, ela servirá à mesa da família.

No dia seguinte, as emoções da caçada são revividas. As crianças, com atenção à história teatralizada pelo caçador – pai, irmão ou parente –, aprendem que o chifre pontiagudo do veado e suas unhas fendidas são armas mortais; assim, evitam-se os dentes do queixada, da paca ou da capivara. Aprendem, também, como e por onde abordar a caça e o significado de ser um bom caçador. Aos poucos, hão de entender que a relação entre humanos, mata e animais deve ser de interdependência.

### *Pescaria*

O aumento populacional e o desflorestamento proporcionaram ao amazônida, em muitas comunidades, limitações, e o rio é o principal meio de obter alimento. Diferentemente da caçada, pois a mata não é um lugar de brincar, a pescaria possibilita ao indivíduo, ainda criança, a sua prática no porto de sua casa, na companhia de irmãos ou do pai, ampliando suas experiências de pescador.

O pescador, na relação com a água, os peixes e os mamíferos que nela habitam, manifesta suas técnicas de pesca. Graças às redes de interdependências ampliadas, maior foi a pressão sobre determinadas espécies, principalmente, com a utilização de malhadeiras, redes e arrastões em ambientes de rios, lagos, cabeceiras e igarapés.

A versatilidade desses artefatos em comprimento, espessura da linha e tamanho das malhas atende a todas as espécies em suas qualidades naturais no que se refere à força, às formas, aos tamanhos e à capacidade de resistir quando capturado. Na vazante, ao ser colocado nos ambientes citados, o que emalhar perece. Esses artefatos enfraqueceram a porongação, o arco e flecha, o arpão, a pescaria de vara e linha, assim como o saber fazer e a relação com o ambiente. Mas, no momento em que a sobrepesca ocorre, técnicas de arco e flecha e do arpão merecem atenção ao se discutir extração autossustentável. Elas, entre as peculiaridades das práticas socioculturais amazônicas, fortalecem valores, o apego afetivo e o sentido de pertencimento ao lugar de origem.

A malhadeira, a rede de pesca ou o arrastão não exigem do pescador habilidades quanto pode se ver na pescaria de arco e flecha e de arpão, que são técnicas de excelência a envolver o pescador corporalmente. Na de arco e flecha, ele desenvolve ajustes ante a lei da refração, que teoricamente não entende, mas na prática do dia a dia é aplicada ao ver o peixe se debater na ponta da flecha.

O pescador adequa-se ao vento, que empurra suavemente a canoa, à folha ou capim, que esconde parte do peixe, ao sol, que ofusca a visão ao refletir na água, ao peixe que, por um impulso, some do campo de visão e de ação do pescador.

Na pesca de arpão, o indivíduo predispõe de habilidades para que, naquele dia, esperando por três ou mais horas, utilize uma única tentativa. A natureza do animal, o ambiente e o estado emocional do pescador estão em jogo naquele momento em que o arpão sai de sua mão, diferentemente da rede ou malhadeira, que basta o animal se enredar em uma das centenas de suas malhas para que seja capturado. A oportunidade de fuga na pescaria de arpão é de um para um e na malhadeira vai depender da quantidade de suas malhas, o que, para a natureza, representa grande desvantagem. Obviamente, não desconsidero a determinação do pescador e sua exímia habilidade no manuseio do artefato – se não é sucedido em um dia, ele continua no outro, com a intenção de aniquilar o animal.

As histórias do dia de pesca são narradas e a aprendizagem ocorre. Na teatralização, percebe-se o descuido do pescador e que o animal perseguido saiu em vantagem. Algumas ficam na memória e outras passam a ser estórias de pescador. Porém, o significado simbólico do que é ser um grande pescador repercute na estrutura social da qual faz parte, e, assim como na mata, ele deve viver uma relação de interdependência com o rio e as espécies que nele existem, compreendendo o porquê da morte do outro ser.

### *Cultivo do solo*

No período de estiagem – julho a novembro –, destaca-se o preparo do solo, principalmente para o cultivo da mandioca para fazer farinha, presente na alimentação diária do amazônida: beijus, crueira para mingau.

As cigarras chichiam “indicando” que o verão vai continuar: o rio continua a secar e há abundância de peixe, os quelônios sobem à praia para desovar e a escassez de água na mata possibilita ao caçador abater animais ao virem ao bebedouro.

O vento traz ao corpo o calor dissipado por tudo que o sol toca. É o período em que a fumaça anuncia que a mata ou a capoeira derrubada está em chamas, mas o fogo é utilizado para limpeza e fertilização da terra.

Para cultivar a terra, o amazônida se organiza em forma de puxirum. A troca de dia ou o auxílio mútuo é cultural, fortalecendo as relações de interdependência. A cooperação tem permitido a homens e mulheres avançarem sobre a natureza, pois, mediante a apropriação da resistência e força física de muitos, das técnicas e estratégias associadas aos instrumentos, expandiram suas moradas e, para viver melhor, tornaram agricultáveis grandes espaços de terras.

A configuração do puxirum (Matos, 1996, 2008) se revela: anfitriões, cozinheiras, cavadores, plantadoras, cortadores de maniva (caule da mandioca), distribuidores de maniva e de água (aguadeira), carregador de água. Na interdependência funcional, os indivíduos compartilham para o sucesso dos anfitriões.

Homens – adultos jovens – abrem as manicujas (covas), pois o esforço de moderada a alta intensidade (Matos, 1996) já não é indicado para outros de mais idade. As mulheres plantam a maniva que foi distribuída por crianças ou adolescentes.

A aguadeira distribui a água para auxiliar a termorregulação corporal (McArdle *et al.*, 2003). Esse é um ajuste estratégico para continuar na atividade em temperaturas entre 38°C/40°C e umidade do ar elevada.

Na dinâmica do puxirum, as mulheres, em suas qualidades femininas e em trocadilho com os homens, tornam-no mais divertido, amenizando o sentido da obrigatoriedade; no plantio da roça, o estado de humor dos participantes – risos, piadas, gargalhadas – ameniza ou suaviza a percepção corporal do esforço físico nesse período de estiagem.

Vivido desde criança, o puxirum – a força da cooperação que se apresenta na construção da casa, na derrubada da mata ou no preparo da roça –, passa a ser componente do *habitus* do amazônida.

### Considerações finais

No universo amazônico, a vida se mantém, bem ou mal, graças às práticas socioculturais desenvolvidas ante os estímulos ambientais e as relações de interdependência. Apesar do processo de integração em curso, essas práticas resistem, provocam e renovam emoções. Caracterizadas de utilitárias, merecem atenção pelos valores morais, éticos e educacionais constituídos historicamente, fortalecendo o apego afetivo, a identidade ao lugar de origem e o *habitus* do amazônida. Elas, guardadas as proporções, podem contribuir para as discussões sobre práticas autossustentáveis e gerar reflexões socioambientais.

Na dinâmica configuracional, as práticas socioculturais detêm qualidades ímpares que a hegemonia da prática esportiva disseminada no País não permite ver. Somam-se àqueles valores a paciência, a compreensão do esforço ante os estímulos ambientais, a cooperação, a compreensão da relação de interdependência com o ambiente, que podem ser tencionados como conteúdos da Educação Física ante o frenesi dos centros urbanizados, marcados pela individualização, o ímpeto competitivo e a exigência do ser independente e produtivo. Seria também, por parte dessa área de conhecimento, ao dar atenção à cultura corporal amazônica, instigar o sentido de *honra* ao se viver numa relação com grandes rios de água doce – Negro, Solimões e seus afluentes – e à “sombra” da grande floresta tropical, que, guardadas as proporções, assumem papel fundamental no equilíbrio ambiental do planeta.

As práticas socioculturais fortalecem a identidade amazônica e revelam a pluralidade da cultura corporal brasileira. Permitem à Educação Física, com essas manifestações da cultura de movimento do cotidiano dos ribeirinhos, tensionar a hegemonia de práticas esportivas movidas pela lógica imperativa dos megaeventos esportivos e coadjuvar com a disseminação e reflexão da dimensão do movimento humano, observando suas peculiaridades e as relações de interdependência que se apresentam nas configurações.

## Referências bibliográficas

---

- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura (MEC). Divisão de Educação Física. *Curso de Educação Física por correspondência: história da Educação Física*. 1967.
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura (MEC). Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física*. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro07.pdf>>.
- COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino da Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992. Disponível em: <[http://media.wix.com/ugd/d56241\\_304a763627a082ce5dcc8e58fa3bb94b.pdf](http://media.wix.com/ugd/d56241_304a763627a082ce5dcc8e58fa3bb94b.pdf)>.
- ELIAS, N. *Introdução à sociologia*. Lisboa: Edições 70, 1980.
- ELIAS, N. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1994.
- GALLAHUE, D.; OZMUN, J. *Compreendendo o desenvolvimento motor*. São Paulo: Phorte, 2001.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
- McARDLE, W. D. et al. *Fisiologia do exercício: energia, nutrição e desempenho humano*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.
- MAHEU, R. Desporto e educação. *Em Aberto*, Brasília, v. 1, n. 5, p. 18-38, abr. 1982.
- MARINHO, Inezil Penna. *História da Educação Física no Brasil*. São Paulo: Cia. Brasil, 1979.
- MARINHO, Inezil Penna. *Sistemas e métodos de Educação Física*. São Paulo: Cia. Brasil, 1953.
- MATOS, G. C. G. de. *Atividades corporais: uma estratégia de adaptação biocultural numa comunidade rural do Amazonas*. 1996. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), 1996.
- MATOS, G. C. G. de. *Práticas socioculturais, figuração, poder e diferenciação em Bico, Cuiamucu e Canela-Fina, comunidades amazônicas*. 2008. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), 2008.
- NERY, G. Pinto. *Traços históricos da Educação Física no Amazonas*. Manaus: Funcomiz, 1983.
- TUBINO, M. G. *O esporte no Brasil: do período colonial aos nossos dias*. São Paulo: Ibrasa, 1996.

---

Gláucio Campos Gomes de Matos, doutor em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), é professor da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal do Amazonas (Ufam).

glauciocampos@bol.com.br

Recebido em 22 de outubro de 2012.

Aprovado em 18 de fevereiro de 2013.